

DANIELA AFONSO CARDOSO (8098718)
Licenciatura em Artes Visuais - Curso de Extensão

**A Literatura Visionária Medieval e sua Contribuição à Formação do
Imaginário Ocidental sobre o Além-mundo.**

Professor: Ricardo Boone Wotckoski

Claretiano - Centro Universitário

Juiz de Fora
2021

Resumo: “A alma ouviu muitas palavras maravilhosas e santas de tal forma que não convém a nenhum homem dizê-las” (VISIO TNUGDALIE, 1895, p. 118). O cavaleiro de repente “acorda”, após três dias no Além-túmulo, quando, então, pede para tomar a hóstia e se confessar. Logo depois, faz doações à Igreja e aos pobres, pede para colocar a cruz em suas vestimentas e conta o que havia se passado para outras pessoas. Desta forma, este nobre se torna um exemplo a ser seguido, o que contribuiria para a ida ao Paraíso após a morte. O ideal, em suma, é compreender o que os medievos entendiam por visão do além-mundo, ao se realizar uma reflexão sobre a nossa própria sociedade moderna.

Palavras-chaves: Além-mundo, medievo, paraíso, inferno, modernidade.

Abstract: “The soul, so many wonderful and holy words that it is not fit for any man to say them” (VISIO TNUGDALIE, 1895, p. 118). The knight suddenly “wakes up” after three days in the Otherworld, when he asks to take the host and confess. Soon after, he makes donations to the Church and the poor, asks to put the cross on his clothes and tells what he had passed through to other people. In this way, this nobleman becomes an example to be followed, which would contribute to going to Paradise after death. The ideal, therefore, is to understand what the medievals understood by a vision of the beyond, and also to reflect on our own modern society.

Keywords: Beyond-world, medieval, paradise, hell, modernity.

Presença da temática do além-mundo em nossa sociedade

O presente artigo visa trazer o impacto da literatura bíblica que permeia, por séculos, o imaginário ocidental, acompanhando a história e sua evolução, a partir da descrição do mundo dos mortos com os vivos, e como sua jornada em vida eleva a crença no divino e na vida após a morte. Os castigos que esperam aqueles que pecam – ou que se submetem a crimes e momentos de neutralidade em situações de injustiças – são narrados em textos apocalípticos judaicos, cristão-primitivos, e, em sua recepção, nos relatos visionários medievais. Assim, é estruturada a forma como a sociedade ocidental imaginava as moradas dos mortos, suas recompensas e punições, sobretudo os seres angélicos e demoníacos que administravam essas esferas, bem como as passagens da alma ao além.

Nesse sentido, a temática do além-mundo foi bem fundamentada pela religião e, assim, propagada aos que acreditavam que seus pecados, em terra e em carne, representariam a um só tempo a chave de entrada para o reino dos céus ou a sua ruína para as esferas do inferno. No estudo dessa narrativa, logo, podemos encontrar os ecos da oralidade e dos questionamentos religiosos do homem, por meio da forma como grandes civilizações antigas se ergueram com base nessa ideologia.

Isto posto, ao comentar a relação entre tempo, narrativa e dialogismo em Bakhtin, Machado (1998, p. 33) observa que:

[...] tanto a experiência como a criação são manifestações marcadas pela temporalidade. Apesar da importância do tema, não é de modo sistemático que se pode ter acesso às formulações de Bakhtin sobre o assunto, visto estas se encontrarem disseminadas ao longo de seus estudos sobre os gêneros, o cronotopo, a polifonia. A falta de sistematização, contudo, não é fortuita. O tempo na teoria do dialogismo não é um constituinte estrutural da narrativa, pelo contrário, a narrativa e, conseqüentemente, os gêneros, são instâncias estéticas de representação do tempo. Visto por esse viés, a noção de tempo distancia-se das abordagens mais divulgadas sobre o assunto, sobretudo porque desconhece as fronteiras entre a ética e a estética.

A temática elucidada, portanto, permite o diálogo entre a cultura, a narrativa e o homem imerso nela, criando uma interação e uma resposta ao tema em sua origem e sua finalidade. Em outras palavras, a intenção é suprir o desconforto da incompatibilidade entre as duas temporalidades da vida e morte. Na realidade, essa literatura visionária trouxe um conjunto de fatores, que influenciaram o desenvolvimento das culturas espalhadas pelo mundo, o qual foi de forte influência para o rumo da história.

No meio atual, no qual se insere nossa sociedade, ainda consiste, a exemplo, a crença dos bons valores e das práticas da distinção do “homem de bem”, isto é, aquele o qual utilizaria do mecanismo da fé para propagar suas mensagens e repassar informações com a ajuda dos ensinamentos condizentes à visão do além-mundo, sobre o que viria a ser o castigo a todos aqueles que fossem considerados pecaminosos e, por sua vez, opositores de suas ideias. Essa convicção, ressaltamos, ainda está muito presente nos dias atuais, de forma que elementos do cristianismo oral e letrado, sem ser eruditos, foram assimilados em diferentes culturas europeias, promovendo a recepção e a transformação dos elementos bíblicos antigos. Nesse ponto de vista, na literatura latinoamericana, os enredos e relatos do além-mundo se apresentaram apropriados para se falar sobre o presente, sobre as tensões sociais, permitindo compreender como o mundo dos mortos, de forma ambígua, é capaz de lançar luz ao mundo dos vivos.

Para o homem, nos antigos tempos, após a morte, a ida ao paraíso era, então, o principal objetivo, a grande utopia. Por excelência, configurava o lugar de descanso eterno, espaço para o qual sua alma seria diretamente elevada ao bem-estar e à felicidade espiritual, contudo, para alcance dessa meta, as pessoas deveriam abster-se dos pecados terrenos e da carne, caso contrário, seriam conduzidas ao inferno por seus pecados em punições eternas. Nessa perspectiva, é comum observarmos como as viagens literárias ao além-mundo trazem claramente essa película dos elementos do paraíso, purgatório e inferno com analogias à representação cristã, através do Paraíso representado como espaço utópico. Além disso, as distopias da atualidade ainda auxiliam a refletir sobre a sociedade melhor e mais justa que desejamos ter.

Conforme a imagem abaixo, podemos vislumbrar um reflexo do desejo de espaço idealizado, na pintura do artista Bosch:



BOSCH - O Jardim das Delícias Terrenas (1504). Pintura a óleo, (painel central 220 x 195 cm; painéis laterais 220 x 97 cm). Paraíso (Detalhe), Painel Lateral. Museu do Prado, Madrid.

Na criação acima, o artista recria um espaço caracterizado pela vegetação plana e na presença de animais que vivem em harmonia com os seres humanos, com a presença de uma fonte de água próxima, em cuja abundância simbolicamente representaria o Éden. Além do mais, também encontramos retratados na pintura, os primeiros humanos, Adão e Eva, entre os quais há a figura divina, representada por Cristo.

Bosch nasceu em Hertogenbosch (c. 1450-1516), na Holanda, e era essencialmente ligado a uma comunidade religiosa cristã. Muitas de suas obras, portanto, retratam cenas do Juízo Final, mostrando, de um lado, o Paraíso e, logo depois, o Inferno,

o qual é normalmente marcado por torturas, infligidas aos humanos, por animais estranhos. A pintura de Bosch tinha, nesse período, um caráter educativo, de tal maneira que o Inferno é representado de forma caricaturesca. Interessa-nos salientar que o artista conheceu Visio Tnugdalie, por cujas composições de imagens foi profundamente influenciado, especialmente pelos espaços de representação dos tormentos.

A esse respeito, de acordo com a versão portuguesa da Visão de Túndalo:

“eu vi com meus olhos o homem a quem isto aconteceu e que me contou tudo [...] e assim como ele contou a mim, assim eu trabalhei de escrever e de contar o melhor que pude”. (VT, 1895, p.120)

Esse pensamento aponta como o público desses acontecimentos acreditava nas mensagens passadas, e como as narrativas da viagem ao além-mundo eram contadas pelos homens. Ademais, elas eram escritas principalmente em latim pelos religiosos, o que lhes conferia um caráter de verossimilhança maior, não importando a veracidade do dito. Há ainda um manuscrito medieval. composto no século XII no Sacro-Império Romano Germânico, cuja Carta do Preste João das Índias relata a suposta existência de um rei-sacerdote, adepto do nestorianismo (a corrente cristã herética que negava divindade à Maria, mãe de Cristo). A extensão de seu país era infinita, pois:

“se for possível contar as estrelas do céu e as areias do mar, esta é a extensão do nosso reino” (Carta “...”, 1988, p. 123)”.

O reino do presbítero era marcado pela plenitude de moinhos que funcionavam sozinhos. Nesse caso, a Carta afirmava também que seu reino era próximo do Paraíso Terrestre, em uma distância de três dias dali. Ainda, quem bebesse das águas naquele reino ficaria sempre com a idade de trinta e dois anos, portanto os habitantes de suas terras seriam considerados todos virtuosos, sem haver ali a possibilidade da existência do pecado.

Embora houvesse uma produção, desde a Antiguidade, sobre os locais bons e agradáveis onde o ser humano desejava ir após a morte, há ainda hoje a configuração da identificação deste espaço aliada à ideia de locais temidos pelos seres humanos na Contemporaneidade. Locais nos quais os indivíduos são controlados pelo Estado e/ou

pelas máquinas, por exemplo, estão presentes nessa idealização. Podemos ver esse reflexo na obra de *1984*, do britânico George Orwell (1948), na qual relata uma sociedade em que os indivíduos são totalmente controlados por câmeras (as chamadas teletelas), em todos os espaços, inclusive no ambiente privado. Nesse aspecto, na trama, o personagem principal sofre uma lavagem cerebral por ser considerado traidor e por manter uma relação amorosa, considerada proibida, com uma jovem. Tal proibição ocorria em decorrência do fato de que as emoções deveriam ser canalizadas para o Estado o qual tinha o objetivo de mantê-los subordinados a serviço do Partido dirigente descrito na obra.

Contemplamos também, nessa literatura visionária, a busca pelo momento de preocupação com o destino individual. Essas obras buscaram ensinar como as pessoas deveriam se preparar para uma boa morte. Os chamados livros da *Arte do Bom Morrer* foram obras impressas cujas imagens normalmente mostravam um moribundo, cuja alma era duramente disputada entre anjos e demônios (ARIÈS, p. 58-63; p. 110-113).

Conclusão

A ideia de um lugar de felicidade eterna estará sempre presente na nossa civilização. Podemos compreender que as irrealidades e as distopias foram importantes no passado e são relevantes no presente, como crítica social, especialmente como objeto de esperança em busca de se criar uma sociedade melhor, mais feliz e mais justa. Os relatos de temática popular eram redigidos por homens da Igreja os quais procuravam diminuir os elementos pagãos e reescreviam a narrativa, buscando racionalizá-las e aproximá-las de elementos bíblicos, com a intenção de evangelizar e de controlar por oralidade a crença dos medos da população. O objetivo, nesse caso, era conduzir a busca pelo comportamento correto para a salvação.

Em vista disso, notamos que os problemas da sociedade moderna – como a mecanização e o uso da tecnologia não como instrumento de felicidade, mas como forma de tornar as pessoas mais produtivas, as quais são continuamente obrigadas a recriar sempre mais e não separar o trabalho dos momentos de lazer – evidenciam, cada vez mais, como os indivíduos encontram-se submetidas a uma cansativa rotina, mesmo fora

do expediente. A Internet – outro elemento da modernidade, que consubstancia uma ferramenta voltada a ampliar as informações e a difundir o conhecimento – tem sido muitas vezes usada para propagar ressentimentos, estimulando, por sua vez, o preconceito e a intolerância nos níveis político, religioso, social e cultural entre as pessoas. Além disso, cada vez mais, os governos, em sua busca pelo poder, não sanam as medidas contra a violência, tampouco os crimes, a desigualdade social e o terrorismo, os quais têm persistido e inclusive aumentado em todo o mundo.

Contudo, ainda assim, como já cantou Milton Nascimento, “Quero a alegria/ muita gente feliz/Quero que a justiça reine em meu país/Quero a liberdade, quero o vinho e o pão [...]/Quero nossa cidade sempre ensolarada [...]”. Logo, precisamos de alegria e de justiça, a fim de possuímos liberdade para fazermos nossas próprias escolhas e habitar um local no qual tudo funcione corretamente e em harmonia.

Referências:

BOSING, Walter. Hieronymus Bosch. Entre o Céu e o Inferno. Paisagem/Taschen, 2006.

CAMÊLO, Júlia Constança P. País de São Saruê: a Cocanha nordestina. In: ZIERER, A., VIEIRA, A.L.B.; FEITOSA, M.M.M. (Orgs.). História Antiga e Medieval. Simbologias, Influências e Continuidades: cultura e poder. São Luís: Ed. UEMA, 2011, v. 3, p. 309319

DELUMEAU, Jean. Uma História do Paraíso: O Jardim das Delícias. Lisboa: Terramar, 1994.

História del Virtuoso Cavaleiro Dõ Túngano. Toledo, 1526. Disponível em: < <https://archive.md/20121230013227/slt.telam.com.ar/la-vision-de-tungano/c13> > Acesso em 04/12/2021.

NOGUEIRA, Paulo (Org.). O Imaginário do Além-Mundo na Apocalíptica e na Literatura Visionária Medieval. São Paulo: Metodista/FAPESP, 2015.

LE GOFF, Jacques. O Imaginário Medieval. Lisboa: Editorial Estampa, 1994.

NASCIMENTO, Milton. Coração Civil. Música e Letra de Milton Nascimento e Fernando Brant, do álbum Caçador de Mim, 1981, na voz de Milton Nascimento. 3 min. E 13s. Disponível em: <<http://mais.uol.com.br/view/e8h4xmy8lnu8/milton-nascimento--coracaocivil-1981-0402356CCCB11307?types=A&>>>. Acesso em 06/12/2021.